

Uma leitura espinozista de *Perto do coração selvagem*

Gabriela Guimarães Gazzinelli¹

“[N]ão rir, não lamentar, não detestar,
mas compreender as ações humanas.”
Espinoza, *Tratado Político* 1.4

Resumo: Este ensaio propõe uma leitura do romance *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, com base em alguns conceitos da *Ética* do Espinoza, como (i) as modalidades de conhecimento sensível, racional e intuitivo, (ii) a compreensão metafísica da natureza e da necessidade das leis naturais e (iii) a bem-aventurança moral resultante da compreensão metafísica da realidade. Pretende-se mostrar que a originalidade do primeiro romance de Clarice procede da elaboração de intuições metafísicas espinozistas, mais que dos elementos de fluxo de consciência que lhe são comumente atribuídos.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Espinoza, Natureza, Consciência metafísica, Eudemonismo.

Abstract: In this paper I examine Clarice Lispector's *Near to the Wild Heart* in view of spinozist concepts, such as (i) the sensitive, rational and intuitive modes of knowledge; (ii) a metaphysical understanding of nature and the necessity of natural laws, and (iii) the true moral “blessedness” resulting from the metaphysical understanding of reality. I will thus argue that the originality of Clarice's first novel ensues from spinozist metaphysical intuitions rather than from the elements of stream of consciousness frequently evoked in its interpretations.

Keywords: Clarice Lispector, Spinoza, Nature, Metaphysical conscience, Eudaimonism.

I. Introdução

Neste ensaio, proponho uma leitura filosófica de *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector. Tentarei evidenciar como alguns conceitos da *Ética* de Espinoza informam o romance. Cotejarei passagens das duas obras a fim de identificar diferentes eixos de aproximação. Acredito que esse exercício favorecerá uma melhor compreensão da (i) formação das personagens e de (ii) aspectos estruturais da narrativa. De um lado, a formação da subjetividade de Joana parece estar mais atrelada a uma consciência filosófica que a experiências dos acidentes de sua vida. De outro, a ênfase na interioridade e a resistência aos elementos convencionais do enredo revelam uma

¹ Doutoranda no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros/Brown. E-mail: gabriela.gazzinelli@brown.edu

maior preocupação com a ordem de ideias que com fatos. Em minha hipótese, portanto, *Perto do coração selvagem* não seria um romance de fluxo de consciência, como pretendem muitos, mas sim um romance de intuições metafísicas espinozistas.

Três temas abordados na *Ética* reverberam na obra literária. Primeiramente, na concepção das personagens – em especial da protagonista Joana e de seu marido Otávio – Clarice parece ter-se valido da epistemologia espinozista. Segundo minha hipótese, essas personagens ilustram as diferentes modalidades do conhecimento descritas por Espinoza: (i) conhecimento sensível; (ii) razão; e (iii) intuição. Enquanto Otávio manifesta uma compreensão sensível e limitada do mundo, ainda que procure atingir um entendimento racional, Joana parece alcançar uma compreensão real das coisas, seja por rasgos intuitivos, seja por raciocínios abstratos.

Em segundo lugar, uma compreensão metafísica da natureza e da necessidade das leis naturais revela-se na cosmovisão da protagonista. Em sua apreciação de diferentes episódios, vem à tona uma série de crenças que se desdobram dessa consciência metafísica. Desde a infância de Joana, diferentes disposições sinalizam tal tomada de consciência: a indiferenciação entre pessoas, animais, plantas, objetos, coerente com a crença em um pampsiquismo; a valorização da natureza, também compreendida cosmicamente; a percepção da unidade de um universo que é efeito de uma mesma substância divina; e o consolo encontrado na ideia de um Deus impessoal e de um mundo regido por leis naturais.

Por fim, várias passagens apontam para convicções morais da parte da protagonista que se aproximam daquelas descritas na *Ética*. Joana intui precocemente a inexistência de bem e mal, certo e errado num universo em que todos os fatos são necessários, regidos por leis naturais. A adesão a essa moral permite-lhe alcançar um estado de felicidade e alegria, preterindo o sofrimento. Em certo sentido, Joana pode ser tomada como exemplar da bem-aventurança resultante da compreensão metafísica da realidade de uma perspectiva da eternidade, *sub specie aeternitatis*.

Em *Perto do coração selvagem*, portanto, os eventos exteriores à personagem dão lugar a transformações interiores decorrentes de sua tentativa de compreender a realidade. No âmbito da narrativa, os episódios vividos pelas personagens revelam-se meramente fortuitos, subordinando-se ao itinerário de formação epistemológica e moral. No uso literário dessas ideias, Clarice demonstra uma sólida compreensão do sistema

filosófico espinozista. Mas procurarei mostrar que *Perto do coração selvagem* não procede a uma mera transposição da *Ética* para o âmbito ficcional a fim de ilustrar conceitos filosóficos. Trata-se antes de um laboratório literário, em que Clarice experimenta com os possíveis desdobramentos – psicológicos, morais e epistemológicos – da adesão de Joana a esse sistema de crenças. A ênfase na interioridade e o interesse psicológico no âmbito individual, por exemplo, são aspectos não contemplados na *Ética*, dadas suas preocupações metafísicas universais.

Antes de passar aos paralelos entre as duas obras, dedicarei breve discussão às alusões ao espinozismo de Clarice em sua fortuna crítica, passando, em seguida, aos elementos – textuais e outros – que parecem confirmar a relação de influência entre a *Ética* e *Perto do coração selvagem*.

II. Referências a Espinoza na fortuna crítica de Clarice Lispector

Na fortuna crítica de Lispector, vários estudiosos assinalam a influência espinozista. Muitos deles partem de paralelos biográficos, fixando a herança judaica comum do filósofo e da escritora e, por vezes, referindo também a rejeição por ambos das crenças religiosas ortodoxas, ainda que nos escritos de ambos afigurem elementos que remetam às tradições literária e exegética judaicas.

Em sua maioria, esses comentadores apontam alguns elementos que consubstanciam a relação de influência, sem aprofundar-se em exercício comparativos. Vilma Areas, por exemplo, alude a “um fio espinosiano de *Perto do coração selvagem*: ‘Deus (...) um pai feito de terra e de mundo(...)’, substância única de que todas as coisas são modo. ‘Tudo é um’, repetem vários personagens de Lispector” (p. 46). Nessa passagem, a comentadora retoma um dos pontos fundamentais da cosmovisão espinozista, a ideia de substância única e da unidade do todo. Wasserman, por sua vez, descreve um “misticismo materialista” em Clarice, tingido “de matizes inesperados, um dos quais, e talvez principal, é a importância da matéria, do corpo nessa mística” (p. 73), numa leitura reminescente do materialismo metafísico espinozista. Com efeito, Espinoza fez importante contribuição para a tradição monista que recusa separação entre mente e corpo, extensão e pensamento. Para ele, seriam aspectos de uma mesma coisa. Para além da ênfase na materialidade, Wasserman associa o místico a experiências de corporalidade e natureza, empregando “metáforas da imanência com

que procura expressar a experiência da alteridade transcendente” (p. 82). Importa lembrar que, para Espinoza, não há transcendente, sendo o divino uma causa imanente de tudo.

Num artigo sobre o conto “O búfalo”, Gilda Salem Szklo nos oferece uma análise mais detida do espinozismo de Clarice. Lança mão dos conceitos de infinito e substância a fim de elucidar o conceito de natureza no conto:

A escritura poética constitui a materialização deste universo ilimitado que é Natureza, que é Deus, e nos leva a pensar na noção do Infinito, segundo Espinoza, no sentido de uma substância única, de um ser absolutamente infinito; noutras palavras, uma substância constituída por uma infinidade de atributos, nos quais Deus se realiza se particulariza. Cada atributo exprime uma essência eterna e infinita, “que existe necessariamente” [Proposição XI, “De Deus”, *Ética, Espinoza*]. (p. 107)

Ao longo do texto, Szklo retoma outras ideias da *Ética*. Em certa passagem, evoca uma “potência cósmica não diferenciada” (p. 108), que se aproxima do pampsiquismo e da imanência do divino na matéria. Em outra, ao descrever a “visão beatífica do búfalo”, explica que “não se trata do bem, nem do mal, nem do belo nem do feio” (109), ecoando o apêndice à Parte I da *Ética*, em que Espinoza esclarece que, uma vez que as coisas não existem para a nossa apreciação, não podem ser consideradas objetivamente boas ou más, belas ou feias.

Benjamin Moser, por sua vez, menciona outros aspectos em sua discussão de *Perto do coração selvagem*. Ao cotejar o romance com uma antologia de Espinoza anotada por Clarice, realiza um levantamento de citações da *Ética* dispersas ao longo do romance. Em seguida, propõe uma leitura espinozista de Clarice que envereda por uma análise psicológica do possível impacto dessas ideias na autora. Aventa que a *Ética* teria ajudado Clarice a aceitar a perda trágica de sua mãe na infância, ao postular um Deus impessoal e desinteressado das coisas humanas e uma ordem do mundo regida por leis naturais necessárias. Em certo sentido, a leitura de Moser vai ao encontro do projeto da *Ética*: o filósofo propõe que a compreensão metafísica e racionalista da realidade propicia um estado de felicidade. Estabelece assim uma relação entre conhecimento e beatitude; pretende ser possível alcançar, por meio de uma compreensão metafísica do mundo, a elevação do *conatus* (esforço de persistência), mitigando-se a tristeza e

cultivando-se a alegria.

Em que pesem os benefícios para a vida pessoal da ética espinozista, este ensaio deixará de lado especulações de ordem biográfica (seja da herança judaica comum, seja dos prováveis benefícios morais da leitura de Espinoza na vida pessoal da Clarice) para investigar os desdobramentos literários dessas ideias filosóficas.

III. Uma relação de influência

A influência espinozista sobre a obra de Clarice, especialmente *Perto do coração selvagem*, já foi materialmente estabelecida com segurança. Com efeito, em sua biografia, Benjamin Moser alude a longas discussões sobre Espinoza entre Clarice e Autran Dourado (p. 227). Mais importante, Moser comenta que a descoberta de uma antologia em francês de Espinoza na biblioteca de Clarice permite apontar a intenção da autora ao incorporar ideias da *Ética* ao romance. Segundo as anotações de Clarice, a obra foi lida em fevereiro de 1941, um ano antes da escrita de *Perto do coração selvagem*. O biógrafo encontrou ademais, passagens do romance quase integralmente copiadas dos comentários marginais de Clarice ao texto filosófico (p. 110).

Mesmo se não tivéssemos essa antologia, a influência de Espinoza sobre Clarice poderia ser estabelecida materialmente a partir da própria obra. Ideias de Espinoza são citadas explicitamente em algumas passagens, por vezes, acompanhadas de referências nominais ao filósofo. Otávio, marido de Joana, prefere escrever artigos sobre Espinoza a advogar (p. 130). Em seguida a essa referência (p.130-131), o estudante de direito procede a um extenso resumo de algumas noções metafísicas da *Ética* (pensamento e extensão como atributos da natureza; imortalidade na transformação da natureza; a coeternidade das coisas; perfeição divina e das leis da natureza; necessidade dos acontecimentos; refutação da atribuição de livre-arbítrio, vontade ou compreensão a Deus; afirmação da maior perfeição de Deus ante a impossibilidade de milagres que em sua possibilidade). O resumo da *Ética* feito por Otávio é a citação mais extensa em *Perto do coração selvagem* e, mesmo, como frisa Moser, na obra de Clarice como um todo.

Outras vezes, as ideias de Espinoza se nos afiguram nos pensamentos de Joana em formulações um pouco diferentes, mas ainda assim reconhecíveis. Seria o caso das muitas alusões às ideias de unidade ou substância. No capítulo “Alegrias de Joana”,

igualmente, as reflexões sobre a eternidade aproximam-se bastante do texto filosófico, segundo o qual, “o eterno não admite 'quando' ou 'antes' ou 'depois’” (Parte 1, P33, escólio 2, p. 22), e a eternidade “não pode ser concebida como tempo, ... ou explicada pela duração” (Parte 5, P23, escólio, p. 154). Para Joana,

Definir a eternidade como uma quantidade maior que o tempo e maior mesmo do que o tempo que a mente humana pode suportar em ideia também não permitiria, ainda assim, alcançar sua duração. Sua qualidade era exatamente não ter quantidade, não ser mensurável e divisível porque tudo o que se podia medir e dividir tinha um princípio e um fim. Eternidade não era a quantidade infinitamente grande que se desgastava, mas a eternidade era a sucessão (p. 53).

Nas próximas seções procurarei traçar algumas das ideias de Espinoza que foram incorporadas ao romance, ideias essas que podem elucidar a composição de personagens e a estrutura narrativa.

IV. Contraste epistemológico

Como primeiro passo, retomarei brevemente a epistemologia proposta na *Ética*. Segundo Espinoza, são três as modalidades de conhecimento: (i) opinião ou imaginação, fundamentada na experiência sensível do mundo; (ii) razão, derivada das ideias adequadas sobre as propriedades das coisas; e (iii) intuição, proveniente de uma ideia adequada e imediata da essência das coisas, bem como de certos atributos divinos (*Ética*, Parte 2 Prop. 40, Esc. 2, p. 51). A primeira modalidade seria, para o filósofo, a mais “mutilada”, originando-se de opiniões, imaginação e sentidos, que nos apresentam as coisas “de maneira fragmentada e confusa, sem qualquer ordem intelectual” (*Ética*, Parte 2 Prop. 40, Esc. 2, p. 51). A segunda modalidade, a razão, já seria mais fiável, derivando-se de ideias adequadas, como as presentes, por exemplo, em deduções de verdades matemáticas. A terceira modalidade, intuição, seria a mais elevada forma de conhecimento, por resultar de uma apreensão da essência das coisas sem mediação, eliminando-se a margem de equívocos. Em síntese, para Espinoza, as ideias falhas associadas ao primeiro modo resultariam num conhecimento confuso, que leva a falsidades, enquanto que as ideias claras e distintas que amparam o segundo e terceiro modo levariam a um conhecimento verdadeiro (parte 2, P41, p. 52).

No decorrer de *Perto do coração selvagem*, Joana e Otávio se aproximam do

mundo de formas bastante diversas, cada qual reproduzindo diferentes modalidades de conhecimento. Logo na primeira aparição de Otávio no romance, o contraste se evidencia:

“Otávio – dizia-lhe ela de repente -, você já pensou que um ponto, um único ponto sem dimensões, é o máximo de solidão? Um ponto não pode contar nem consigo mesmo, foi-não-foi está fora de si.” Como se ela tivesse jogado uma brasa ao marido, a frase pulava de um lado para outro, escapulia-lhe das mãos até que ele se livrasse dela com outra frase, fria como cinza, cinza para cobrir o intervalo: está chovendo, estou com fome, o dia está belo. (p. 42-43)

Aos lampejos intuitivos e às especulações matemáticas de Joana, contrapõem-se a banalidade das observações de Otávio, pautadas nas percepções sensoriais. Por vezes, Otávio parece querer ascender a uma compreensão mais racional. Talvez leia Espinoza com esse intuito (p. 138-9). Mas não há indícios de que alcance o conhecimento racional, gravitando sempre de volta para o conhecimento sensível. Na tentativa de compreender Joana, com efeito, esforça-se em “enxergá-la”, em “não perder nenhum de seus detalhes” (p. 105), permanecendo sempre na superfície. Otávio se nos revela, portanto, uma personagem relativamente estática: não se percebe qualquer ganho em seu entendimento do mundo ou de Joana.

Por seu turno, Joana manifesta uma compreensão intuitiva, imediata e sem esforço do mundo que a cerca. “A liberdade que às vezes sentia não vinha de reflexões nítidas, mas de um estado de percepções por demais orgânicas para serem formuladas em pensamento” (p. 52). Embora não tenha um conhecimento metafísico que possa ser demonstrado num encadeamento de proposições, sobrevêm-lhe certas verdades, “tenho um corpo e tudo o que eu fizer é continuação de meu começo; ... aceito tudo o que vem de mim porque não tenho conhecimento das causas e é possível que esteja pisando no vital sem saber; é essa a minha maior humildade adivinhava ela” (p. 27).

Esse entendimento intuitivo de ideias complexas – como a da unidade das coisas, todas parte da mesma substância – parece voltar à infância:

Tudo é um, tudo é um..., entoara. A confusão estava no entrelaçamento do mar, do gato, do boi com ela mesma. A confusão vinha também que não sabia se entrara “tudo é um” ainda em pequena, diante do mar, ou depois, relembando. No entanto a confusão não trazia apenas graça, mas a realidade

mesma. Parecia-lhe que se ordenasse e explicasse claramente o que sentira, teria destruído a essência de “tudo é um”. Na confusão, ela era a própria verdade inconscientemente, o que talvez desse mais poder-de-vida que conhecê-la. (p. 55-56)

Nesse trecho, para além de confessar uma intuição da ideia de unidade, Joana parece insinuar a superioridade da intuição ao conhecimento racional consciente. Mas cabe notar que a protagonista também emprega a razão para conhecer o mundo “à maneira dos geômetras”, como recomenda Espinoza. Com efeito, ao longo do romance, especula sobre diferentes entidades matemáticas, como pontos, círculos, retas, triângulos.

A ânsia de conhecer o mundo – ora por meio de exercícios racionais, ora por rasgos de intuição – conduz a outra característica epistêmica de Joana que remete a Espinoza. O filósofo espera que sua doutrina nos ensina, com relação aos outros, “a não odiar, desprezar, ridicularizar, invejar ou enraivecê-se” (parte 2, P49, escólio 2, p. 60). Ao se aproximar das coisas e pessoas, Joana procura compreendê-las depurando-se dos ímpetos de sentimentos como ódio, raiva, ciúmes, inveja. Exemplar nesse sentido é o capítulo em que conhece sua rival Lídia. As duas mulheres familiarizam-se com a miséria e o sublime uma da outra: “[o]lhavam-se e não podiam se odiar ou mesmo se repelir” (p. 158). Nisso também Joana difere de Otávio, que se rende em diferentes ocasiões a sentimentos violentos com relação às mulheres que não chega a compreender.

Curiosamente o marido parece desconfiar que Joana conhece algo que ele ignora. No capítulo “A víbora”, reclama que pensava que ela ensinaria alguma coisa mais a ele: “Eu precisava daquilo que adivinhava em você e que você sempre negou” (p. 200). Ao defender-se, Joana reitera a natureza intuitiva e imediata de seu conhecimento: “Acredite, Otávio, meus conhecimentos mais verdadeiros atravessaram minha pele, me vieram quase traiçoeiramente. Tudo o que sei nunca aprendia e nunca poderia ensinar” (idem).

V. Metafísica da natureza

Por meio de suas intuições e apreensão racional das coisas, Joana parece ter alcançado uma compreensão metafísica do mundo reminescente do racionalismo espinozista. Algumas noções que integram sua mundividência filosófica seriam: (i) a valorização da natureza; (ii) a necessidade das leis naturais; e (iii) a unidade de todas as

coisas, manifestações de uma mesma substância. Vejamos como essas ideias reverberam no romance.

Clarice sinaliza no próprio título de *Perto do coração selvagem* a valorização da natureza. Uma natureza selvagem e transformadora, cumpre frisar. Joana “sentia dentro de si um animal perfeito, cheio de inconsequências, de egoísmo e vitalidade” (p. 25). Mais adiante, é assim descrita: “parecia uma gata selvagem, os olhos ardendo acima das faces incendiadas” (p. 94). Cumpre observar que a noção espinozista de natureza inclui toda a realidade, não aceita oposições do tipo humano/natural, cidade/natureza. Nesse sentido, Joana “[t]alvez tivesse alguma vez modificado com sua força selvagem o ar ao seu redor” (p. 223).

A apreciação da natureza favorece outra ordem de entendimento. Desde a infância, Joana está constantemente se aproximando da natureza por meio de suas indagações. O divino se lhe afigura, com efeito, nas manifestações do mundo natural. Adere, assim, à conceitualização espinozista da realidade como *natura naturans* e *natura naturata* (Parte 1, P29, Escólio, p. 20). Para Espinoza, o divino compreenderia um aspecto ativo do poder divino de causação ou da natureza naturante, e outro, passivo, da interação dos diferentes modos dessa causação, natureza naturada.

Se todos os modos que se manifestam no mundo são um desdobramento da natureza divina intuída, Joana não tem motivo para diferenciar pessoas, objetos e coisas. Em muitos trechos enumera-os sem qualquer princípio de hierarquia ontológica, sujeitos indiferentemente à mesma lei necessária, que “dá corda” ao correr do mundo: “Mas de repente num estremecimento deram corda no dia e tudo recomeçou a funcionar, a máquina trotando, o cigarro do pai fumegando, o silêncio, as folhinhas, os frangos pelados, a claridade, as coisas revivendo cheias de pressa como uma chaleira a ferver” (p. 19-20). Mesmo em suas memórias, Joana revela essa tendência a uma indiferenciação das entidades com que trava contato, “o homem era de sua infância e junto à sua lembrança estava um molho úmido de grandes violetas, trêmulas de viço” (p. 31). Joana habita, portanto, um universo caracterizado pelo pampsiquismo, em que o espírito divino se encontra em tudo.

A ideia de pampsiquismo enseja uma aproximação entre as experiências da protagonista e os processos naturais que observa no mundo. O mar comunica-lhe seu movimento:

Cada vez que reparava no mar e no brilho quieto do mar, sentia aquele aperto e depois afrouxamento no corpo, na cintura, no peito. ... A água corria pelos seus pés agora descalços, rosnando entre seus dedos, escapulindo clara clara como um bicho transparente. Transparente e vivo. (p. 48)

Analogamente, Joana participa da mesma essência que anima outros seres vivos: “E havia qualquer coisa no seu olhar, nas suas mãos apalpando o corpo da cachorra que a ligava diretamente à realidade desnudando-a. Como se ambas formassem um só bloco, sem descontinuidade” (p. 104). O seu silêncio não é diferente daquele que percebe na paisagem: “meu silêncio, compreendi, era um pedaço do silêncio do campo. ... Continuei, a passo lento, escutando dentro de mim a felicidade, alta e pura como um céu de verão. ... Sentia o cavalo vivo perto de mim, uma continuação do meu corpo” (p. 83).

A intuição de uma lei necessária que a aproxima do mundo natural manifesta-se também na apreciação de Joana de outras personagens. É o caso da mulher do tom de voz desconhecido, Joana “sentia a tristeza cobri-la como a sombra de um manto, deixando-a fresca e silenciosa como um entardecer” (p. 88). Um pouco adiante, ao imaginar a vida da estranha, assemelha-a às variações meteorológicas: “às vezes chove, ela fica cheia e redonda nos seus grãos. Depois vai secando com o estio e qualquer vento a dispersa. Ela é eterna agora” (p. 90). Na descrição de Lídia, o narrador onisciente procede de maneira comparável, encontrando em sua fisiologia padrões do mundo natural, “Continuava a sorrir, ausente, quase misteriosa, como se prestasse ouvido ao rolar suave de um rio dentro do seu peito” (p. 101).

Ao experimentar o mesmo espanto com seres humanos, animais, plantas, corpos de água, astros, objetos manufaturados, Joana descobre a unidade de um universo em que tudo decorre da mesma substância divina. Por um lado, considera-se “substância apenas” (p. 223). Por outro afirma, por diversas vezes, saber “que tudo é um” (p. 185). A ideia de unidade também é íntima e interior. Joana recusa a ideia de divisão entre corpo e mente, que seriam aspectos de uma mesma substância, “E foi tão corpo que foi puro espírito” (p. 112), unidade essa apontada por Espinoza na *Ética* (parte 2, P21, p. 43). Com relação ao que lhe é exterior, a ideia de unidade faz com que se confunda com seres, acidentes e fenômenos à sua volta: “o sol chovia em pequenas rosas amarelas e vermelhas sobre as casas... Deus, o que era aquilo senão ela mesma?” (p. 210). Em suas

palavras, “Se o brilho das estrelas dói em mim, se é possível essa comunicação distante, é que alguma coisa quase semelhante a uma estrela tremula dentro de mim” (p.79-80).

VI. Moral eudemonista

Por fim, gostaria de retomar um terceiro aspecto da influência da *Ética em Perto do coração selvagem* tocante às ideias morais expressas por Joana. Segundo Espinoza, a crença num mundo regido por leis naturais necessárias, exposta na última seção, leva a uma modulação do senso-comum moral. No apêndice à primeira parte da *Ética* (p. 28), o filósofo racionalista censura a ignorância daqueles que tomam o mundo como existindo em seu benefício, estimando serem as coisas “boas ou más, sãs ou podres e corruptas ..., belas ou feias”, conforme o efeito que comunicam a sua imaginação. Se todas as coisas resultam da mesma ordem natural, necessária e perfeita, não podem ser boas ou más em si. Ao formularem tais juízos, rendem-se a uma apreciação inteiramente subjetiva, que nada tem que ver com as razões da natureza.

Sob essa perspectiva, Espinoza propõe como critério de ação o *conatus*, a tendência à auto-preservação e à conservação da força vital. Recomenda, assim, (i) o cultivo de sentimentos positivos que aumentam a sensação de vitalidade, como prazer, alegria, confiança, felicidade, esperança e (ii) o repúdio aos sentimentos negativos, como tristeza, medo, melancolia, pena. O prazer, enquanto emoção positiva primordial, da qual se originam as outras, é valorizado como meio de se alcançar maior perfeição (parte 3, P21, p. 72). Sua filosofia moral insere-se, portanto, na tradição eudemonista, que elege a vida feliz como fim moral a ser buscado pelas ações humanas.

A intuição da natureza confusa e subjetiva de juízos morais ajuda Joana a enfrentar experiências difíceis em sua vida. Mesmo ante adversidades, afirma: “sei que tudo é perfeito” (p. 29). Tal consciência manifesta-se, pela primeira vez, quando perde o pai e é levada para morar com a tia. Na praia em frente à casa dos tios, a morte é ressignificada enquanto necessidade da natureza, tornando-se menos dolorosa: “O pai morrerá como o mar é fundo! Compreendeu de repente. O pai morrerá como não se vê o fundo do mar, sentiu. Compreendia que o pai acabara. Só isso” (p. 49). Um pouco adiante, Joana expõe ao professor a sua compreensão da morte: “Mau é não viver, só isso. Morrer já é outra coisa. Morrer é diferente de bom e mau” (p. 64).

Outro episódio marcante da infância de Joana também remete a ideias da *Ética*.

O roubo de um livro leva a menina a expor suas ideias morais. Novamente não há lugar para juízos confusos sobre o bem e o mal – “Roubei porque quis. Só roubarei quando quiser, não faz mal nenhum” (p. 60). Uma apreensão eudemonista da moral transparece quando elabora um pouco mais sobre o assunto atendendo ao pedido da tia que desenvolva seu raciocínio. Para Joana, roubar é mal “Quando a gente rouba e tem *medo*. Eu não estou contente nem *triste*” (p. 60, ênfases minhas). A exemplo de Espinoza, Joana elucida a sua concepção de mal como algo que provoca emoções negativas, como medo e tristeza (que diminuem o *conatus*).

A orientação eudemonista de Joana evidencia-se em inúmeras outras passagens. Ao conversar com o professor, por exemplo, “Era como se os seus tio jamais tivessem existido” (p. 63). Segundo Espinoza, faz-nos bem ignorar a existência daqueles que nos fazem mal, diminuindo nosso *conatus*. Para além de afastar emoções negativas, Joana procura valorizar o estado de alegria em todas as suas nuances. Há, com efeito, numerosas ocorrências do termo “alegria”, qualificada pelas mais variadas ideias: “alegria séria, ... alegria quase de chorar” (p. 48), “alegria suficiente em si mesma” (p. 53), “alegria sem riso, séria, profunda, fresca” (p. 56), “alegria de corpo” (p. 76), entre outras. Perto do final do romance, Joana esclarece os benefícios morais dessa emoção: “há certo instante na alegria de poder que ultrapassa o próprio medo da morte” (p. 200).

VII. Conclusão

Neste ensaio, procurei demonstrar a importância de conceitos da *Ética* de Espinoza em *Perto do coração selvagem*, conceitos esses que oferecem uma chave de leitura seja da formação das personagens, seja do desenrolar da trama interior. Acredito ter encontrado, no romance, diversos passos que remetem às discussões de questões epistêmicas, metafísicas e morais na obra filosófica. Afora a importância episódica desses conceitos, acredito que a filosofia de Espinoza teria também uma influência estrutural sobre a narrativa. A adesão à crença metafísica de que todos os fatos e acontecimentos são necessários – por resultarem de uma lei natural inexorável – conduziria à sua maior aceitação. Vistos da perspectiva da eternidade cósmica, tais fatos são só fatos e nada mais.

É possível assim que tal consciência teria levado Clarice a minimizar a importância dos elementos de enredo. Com efeito, episódios que, em ficções mais

convencionais, seriam explorados por sua dramaticidade em termos de trama tornam-se, em *Perto do coração selvagem*, meramente ocasião para as reflexões de Joana. Suas intuições e raciocínios marcam um itinerário de formação intelectual. Tal consciência filosófica pode, pois, ter propiciado a concepção introspectiva e fragmentária da obra clariceana. Benedito Nunes chamou-a de “a linha interiorizada de criação ficcional” (p. XXIV), identificando nela “um desvio estético relativamente aos padrões dominantes da prosa modernista de 1922 e da ficção de recorte neonaturalista dos anos 1930” (p. XXVIII). Em seguida, Nunes sugere que, ao interiorizar o enredo, Lispector se aproxima dos autores de língua inglesa de fluxo de consciência. A respeito, proponho uma leitura alternativa. Como procurei demonstrar ao longo deste ensaio, acredito que *Perto de coração selvagem* é melhor elucidado como romance de tomada de consciência metafísica que de fluxo de consciência.

Em certa medida, os conceitos espinozistas ora discutidos ressurgem em toda a obra da autora. Em *A paixão segundo G.H.*, por exemplo, há uma forte intuição do pampsiquismo: a personagem “fora obrigada a entrar no deserto para saber com horror que o deserto é vivo, para saber que uma barata é a vida” (p. 161). Segundo Szkló, provar a substância da barata permitiu à personagem ter “acesso à existência infinita ou à substância infinita, conforme Espinoza” (p. 110). Também a exemplo de Espinoza, G.H. elucubra sobre a indiferença de Deus: “eu encontrava o Deus indiferente que é todo bom porque não é ruim nem bom” (p. 131).

Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Lorelei retoma igualmente a noção de Deus em termos espinozistas: “chegara ao ponto de acreditar num Deus tão vasto que ele era o mundo com suas galáxias” (p. 81), “Deus é um substantivo. ... Ele é substantivo como substância. Não existe um único adjetivo para Deus” (p. 130). Em outra passagem claramente remanescente da *Ética* (parte 1, P15, escólio, p. 11), é criticada a noção de um Deus concebido à imagem e semelhança dos seres humanos, dotado de atributos humanos como compreensão e bondade (p. 65-66). Por fim, Lorelei também define o infinito em termos espinozistas: “Tudo era infinito, nada tinha começo nem fim: assim era a eternidade cósmica” (p. 69).

Parece-me, porém, que em *Perto de coração selvagem* encontramos a formulação mais consistente dessas ideias. Além de integrar as reflexões das personagens, o espinozismo marca a evolução da personagem, ditando a composição

do romance. Segundo Rosiska Darcy de Oliveira, “*Perto do coração selvagem* é o frasco de essências da obra de Clarice. A maturidade e as experiências da autoras misturaram-se a ele e diluíram-no, refinando seus temas e personagens, que se prolongam em livros posteriores” (p. 10). Embora obras posteriores, como *A paixão segundo G.H.* e *Água viva*, também revelem preocupações filosóficas, essas preocupações são menos nitidamente evocativas da filosofia racionalista de Espinoza; encontram-se imbricadas com outras posições filosóficas. Portanto, *Perto do coração selvagem* seria a obra de Clarice em que as ideias espinozistas se revelam mais depuradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AREAS, Vilma. “Com a ponta dos dedos: *A via crucis do corpo*”. *Com a ponta dos dedos: Clarice Lispector*. São Paulo: Companhia das Letras 2005. Pp 46-73.
- COOK, J. Thomas. *Spinoza's Ethics – A reader's guide*. London: Continuum, 2007.
- DARCY DE OLIVEIRA, Rosiska. “Perto de Clarice”. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. Pp 5-11.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MOSER, Benjamin. *Why this world – a biography of Clarice Lispector*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- NUNES, Benedito. “Introdução do coordenador”. In: Lispector, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina e UNESCO, 1988. Pp XXIV-XXXIII.
- SPINOZA, Benedictus de. *The Essential espinoza: Ethics and Related Writings* (edited by Michael Morgan, translation of Samuel Shirley). Indianapolis: Hackett, 2006.
- SZKLO, Gilda Salem. “‘O búfalo’. Clarice Lispector e a herança da mística judaica”. *Remate de Males. Revista de Teoria Literária*, 9 (1989): 107-13.
- WASSERMAN, Renata. “Clarice Lispector e o misticismo da matéria”. *Clarice Lispector: Novos aportes críticos* (organização C. Ferreira-Pinto Bailey e R. Zilberman). Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, Pittsburgh University, 2007.